

Revisando assunções

Um diálogo sobre os fenômenos que questionam nossos pontos de vista sobre o mundo.

SHELDRAKE Rupert

SCHÜTZENBERGER Anne Ancelin

HELLINGER Bert

Moderadores: ALBRECHT MAHR E HUNTER BEAUMONT

15 de abril de 1999

Wiesloch, Alemanha

Tradução da transcrição: Mónica Larrabeiti Loizaga

RUPERT SHELDRAKE:

Primeiramente, gostaria de dizer que é um grande prazer estar aqui, com todos e cada um dos que estamos neste platô porque existe um elo comum em todo nosso trabalho. É raro encontrar pessoas que têm tanto em comum juntas e, concomitantemente, com tempo para falar sobre isso.

Acho que a primeira vez que percebi o potencial das memórias das famílias que surgem do trabalho terapêutico foi quando encontrei Anne Ancelin em Paris, faz bastantes anos, e me falou sobre uma série de coisas que tinha descoberto através do seu trabalho. Pareceu-me muito surpreendente como são acarreadas as memórias nos campos de grupo, - meu próprio trabalho é sobre os campos e os campos da memória- fiquei

realmente atônito com estes exemplos e gostaria de saber como isto pode ser compreendido de uma maneira mais sistêmica. Em seu novo livro, “As respostas à síndrome”, podemos ver este desenvolvimento. E esta é uma fase muito interessante em seu trabalho.

Referente ao trabalho de Bert, ouvi-o por primeira vez aqui, na Alemanha. Muitos dos meus amigos alemães me falavam: “Deveria ouvir mais sobre o trabalho de Bert Hellinger, certeza que lhe interessará muito”. Falaram-me isto tantas vezes que quando fiquei sabendo que vinha para Londres, minha mulher e eu fomos ao seu workshop. Fiquei muito surpreendido com o que vi, já que eu trabalhei muito com a ideia de campos morfogenéticos nos grupos sociais de animais no desenvolvimento biológico. Lá, no cenário, diante de mim, vi essas constelações familiares e ficou totalmente claro que esses eram os campos das famílias que, de fato, estavam atuando diante de mim em uma espécie de obra teatral de forma ritual com essa qualidade curativa tão impressionante.

Meu próprio trabalho é sobre campos que implicam inter-relações no espaço e implicam memórias do passado. Existem muitas teorias sobre campos que implicam inter-relações no espaço, porém não contemplam as memórias. Entretanto, era óbvio que aqui existia uma teoria de campos com uma clara memória nela.

Ao processo que faz que surja essa memória, eu chamo de “ressonância morfogenética”.

Para mim foi impressionante ver os campos morfogenéticos realmente em ação e não como um conceito abstrato em papel ou algo que investigamos simplesmente através de experimentação científica, senão que atuando realmente em frente de nós. E isto foi uma grande revelação, estava realmente comovido com isso.

Tive a oportunidade de conhecer Bert Hellenger em Londres, e posteriormente tive a oportunidade de assistir um workshop que Hunter fez em Londres, o qual também foi uma grande revelação. Foi uma experiência maravilhosa! Estou realmente impressionado com este trabalho e acredito que há muito em comum entre isto e o trabalho mais teórico e biológico que fiz sobre os campos morfogenéticos.

E tenho tantas perguntas que não sei realmente por onde começar. Tenho uma para começar, que não é muito profunda, mas é uma pergunta que surge cada vez que um terapeuta faz um grande descobrimento, porque os terapeutas, por definição, passam a maior parte do tempo observando o anormal, os extremos, e evidentemente aprendemos muito do normal observando o não-normal, aprendemos muito da saúde observando a doença...

No entanto, perguntava-me quanto tempo de estudo existe sobre as famílias felizes, se é que existe alguma. Refiro-me a que, provavelmente, essas pessoas não fariam uma terapia, porém, o senhor sabe de alguma maneira de estender essa forma de investigação para observar as dinâmicas das famílias normais e as dinâmicas da família em geral?

BERT HELLINGER:

Bem, há uma tendência hoje em dia de estender o campo além da psicoterapia incluindo muitas outras áreas, porque parece que em muitas existem implicações, que chamo de "ordens do amor", que levam às intrincações, e as maneiras de chegar a uma solução podem ser aplicadas nessas outras áreas.

E como exemplo, falarei do trabalho nas prisões. Em Londres, o ano passado, eu trabalhei em três prisões e foi extraordinário como fui recebido no trabalho pelos presos. E parece que agora existe uma oportunidade que na Alemanha uma renomada sociedade deseje realizar uma investigação sobre como aplicar este trabalho nas prisões. E minha sugestão foi trabalhar primeiramente com os assassinos e com suas vítimas para mostrar primeiro o extremo, a perda.

E pelo que eu entendo seu trabalho também mostra primeiro os casos extremos. Acredito que, se podemos conseguir desses casos extremos maneiras de solucionar problemas tão difíceis, posteriormente isto poderá ser estendido mais facilmente a outros campos.

Outro campo é a educação, os colégios. Por exemplo, os professores podem aplicar isto sem serem psicoterapeutas. Ou no trabalho social,

pode ser aplicado facilmente. Então, tratamos de sair das restrições da psicoterapia e aplicá-lo a campos mais amplos. E acredito que isto está bastante em harmonia com o que o senhor, de fato, deseja conseguir.

ANNE ANCELIN:

Para mim é muito fascinante ser capaz de resolver alguns dos enigmas com os quais estive quebrando a cabeça recentemente. Por exemplo, pergunto-me como podemos ter memória dos fatos e coisas que nunca vimos e que aconteceram 1, 2, 3, 10, 20, 30 gerações antes que nascêssemos e das quais temos imagens fotográficas muito claras em nossa cabeça que seguimos o tempo todo.

Um dos meus problemas é encontrar e ver alguém que faça algo por primeira vez. Normalmente quando olhamos um pouco para trás, encontramos uma repetição do passado e uma repetição de algo que era infeliz, dramático e não resolvido.

Gostaria de utilizar um exemplo muito difícil e muito doloroso que está atualmente em todos os jornais e todas as televisões, que é Kosovo. Quando olhamos para Kosovo como uma repetição, vamos então para a batalha real de Kosovo de 28 de junho de 1389, faz mais de seiscentos anos. Uma batalha muito difícil entre os muçulmanos otomanos e os cristãos sérvios. Então os sérvios mataram o sultão e o sultão matou o príncipe sérvio Lazar. E os cristãos fizeram do príncipe Lazar um santão San Lazar, e os otomanos estressaram-se com os sérvios.

Algum tempo depois, uns quinhentos anos depois, um príncipe austríaco foi para Sarajevo o 28 de junho; os sérvios acharam que era uma ofensa e o assassinaram. Isso foi a origem da primeira guerra mundial, que eu não consegui entender até que vi a repetição do 28 de junho.

E então, alguém que tinha boa memória, chamado Milosevic, trouxe os restos de San Lazar para Kosovo o 28 de junho de 1989, exatamente seiscentos anos depois e erigiu um monumento no qual dizia "junho 1389 — junho 1989, nós não permitiremos que os muçulmanos firam os

sérvios", e começaram a matar muçulmanos naquele dia. Esta é a origem da batalha de Kosovo atual.

Se não o olharmos como uma batalha transgeracional, simplesmente não poderemos detê-lo nem compreender o que está acontecendo.

E o que realmente me fascinou, - vi um pouco do trabalho de Hellinger-, é o rápido que ele coloca uma família em uma constelação e o rápido que sentem e lembram o que aconteceu anteriormente.

Eu trabalho em eventos pós-traumáticos das últimas guerras; 1.914, 1.870 ou a revolução francesa ou a guilhotina ou inclusive as cruzadas e então, quando trabalhamos com famílias que foram feridas ou têm problemas, frequentemente devemos ir 100, 200, 500, 900 anos atrás e assim, de repente, sentiremos que esse era o problema, e o resolvemos então pedindo um perdão profundo pelo que aconteceu na revolução francesa, ou nas cruzadas, ou na guerra. As pessoas curam-se assim dos seus problemas, já seja um câncer terminal, tuberculose, asma ou muitas outras coisas.

E, por conseguinte, tenho a esperança que nesta mesa redonda possamos indagar ou tentar compreender melhor o que um dos meus professores, Moreno, chamou de "o inconsciente das famílias ou grupos", o que é muito parecido aos campos morfogenéticos de Sheldrake ou do trabalho de Hellinger. E espero que esta mesa redonda nos ajude a entender mais isto.

HUNTER BEAUMONT:

Bert este pode ser o momento que fale dos seus pensamentos de estar na alma mais que ter alma.

BERT HELLINGER:

Bom, quando fizemos as constelações familiares também tínhamos a ideia do campo morfogenético porque algumas memórias estão ativas em

gerações posteriores. E se houver alguém com uma vida muito difícil ou dramática, circunstâncias de uma morte dramática, depois em uma geração posterior, de alguma maneira haverá uma repetição disto.

No entanto, por debaixo disto, parece que existem certas leis conforme as quais alguns acontecimentos se repetem e darei um exemplo recente: em um grupo de supervisão, situe a família de um cliente. O pai matou sua mulher, restaram duas filhas sob o cuidado da irmã da mulher e as duas meninas estavam muito nervosas. Então tirei o homem, a mulher, sua irmã e as duas meninas. A mulher ficou atemorizada e foi para sua irmã para que a protegesse. O homem girou-se, queria ir embora. De fato, suicidou-se depois de matar sua mulher.

Eu tinha que fazer que afrontassem o problema real. Então, falei para a mulher que se deitasse no chão para que ficasse patente que não estava viva, que estava morta e não podia procurar sua irmã em busca de proteção. Assim se restabeleceu a realidade neste ponto. Posteriormente trouxe o homem outra vez e fiz que olhasse para sua mulher, e enquanto a olhava não podia se mexer e, de repente, surgiu dele uma pena profundíssima, caiu de joelhos, olhou para sua mulher e chorou. E somente então pôde olhá-la realmente.

E deixei-o ditar-se ao lado da sua esposa porque, na realidade, ele também estava morto. E assim os dois se juntaram com um amor muito profundo. Isto era estranho, mas depois disto, estiveram unidos por um profundo amor.

E disto conclui, e experimentei-o também em outras constelações familiares ainda mais dramáticas, que no final, se os dois reconhecem-se um ao outro como morto, então se juntarão.

Voltando ao exemplo de Kosovo, posso imaginar que, se os sérvios pudessem ver seus soldados mortos durante todos esses séculos deitados ao lado dos muçulmanos mortos, simplesmente olhando-se uns aos outros... e se de fato os colocássemos em uma constelação familiar, haveria um movimento interessante no qual os mortos se juntariam uns aos outros e poderiam chegar a encontrar a paz com um amor muito profundo. Talvez então, aqueles que permanecem vivos possam ver a

situação com uma perspectiva muito diferente e possam olhar-se os uns aos outros com outros olhos.

Agora, este movimento somente será possível se os perpetradores e as vítimas, ambos, estiverem a serviço de uma força muito maior que eles. E somente se todos olharem para essa força maior, então o antagonismo poderá cessar e se tornarão muito humildes na alma dessa força maior.

E aquilo que une tudo isto o chamo de “alma maior”. Não tenho um nome melhor para isto. Porém, vai além dos campos porque o campo é fixo e a alma é algo que se movimenta e passeia pelo curso da história e da vida pessoal, e nessa alma participaremos.

Em vez de ver o indivíduo tendo uma alma, vejo que ele participa em uma alma. E esta alma tem vários níveis e, em primeiro termo, a primeira vista, existe um nível muito duro, muito cruel, que é o que atua nestas guerras, e debaixo disso existe algo muito diferente.

Por exemplo, posso colocar uma família, duas pessoas, e não acontece nada; e, de repente, são levados por uma força e afrontam o verdadeiro problema e esta força dirige-os para uma solução, que vai além das leis que operam no primeiro nível, e se chegássemos nessa alma, alcançaríamos a força curadora. Esta seria uma maneira breve de resumir...

Porém, retornando à primeira constelação, as duas filhas estavam muito nervosas e uma estava cheia de ódio e era bastante obvio que se tornaria uma assassina com este ódio. E esta filha ia para seu pai. E a outra também estava muito nervosa de uma maneira diferente e queria transformar-se em uma vítima (como a mãe). E deixei-las deitar-se ao lado dos seus pais e assim conseguiram levantar-se sem mais ódio nem desespero, e giraram-se deixando atrás os mortos, deixando-os sozinhos e olhando para a vida. Também seria uma solução para isto.

Falei demais, deixarei a vez para os outros.

RUPERT SHELDRAKE:

Interessou-me muito tudo isto, porém especialmente a questão do poder curador e a alma maior. Eu penso na alma sendo muito similar ao campo, no entanto o campo é algo que tem hábitos e mantém a estabilidade do sistema tal como é, e como bem diz, não teria por si mesmo o poder de curar.

Entretanto me pergunto, dado que cada idioma tem suas próprias expressões, em inglês a palavra que teríamos para isto seria "Espírito". O poder que movimenta é o espírito; tem um significado mais amplo no alemão. Porém, aquilo que movimenta, aquilo que traz mudanças, aquilo que cura tradicionalmente é o espírito e a alma é o que dá estabilidade, forma e estrutura.

Para Hellinger: pergunto-me se posso vê-lo em termos do espírito que trabalha através da alma.

BERT HELLINGER:

Sim, para mim, a alma, mesmo que seja muito ampla e profunda, está limitada e o espírito vai além. Neste sentido, o que abrange o espírito é para mim um grande mistério. E o que abrange a alma é observável. As leis que operam lá são observáveis, as leis que levam à distração são observáveis. Então, eu me cuidaria de chamar de "alma" a algo que pode de alguma maneira ter uma conotação divina ou religiosa. O religioso vai, para mim, além disto, e pertenceria ao campo do espírito. Portanto, eu diferenciaria entre estes dois campos.

RUPERT SHELDRAKE:

Eu também estou de acordo que a alma está limitada e o espírito não, ou está menos, mas de alguma maneira o espírito tem que trabalhar através da alma. Deve, em certa forma, tocar a alma se o poder do espírito for trabalhar em e através da alma. Então, estou de acordo em que é um mistério, porém vemos o espírito trabalhar através da alma ou o vemos completamente separado da alma e que não tem relação com a alma?

BERT HELINGER:

Não, não diria isso. E a explicação que acabou de dar me soa bem porque a alma mesma não pode trabalhar independente de algo que está detrás, além dela, então estou de acordo com o que afirma.

ALBRECHT MAHR e ANNE ANCELIN:

Gostaria de lhe fazer uma pergunta. Estive comentando a maneira em que vê os antecedentes do conflito de Kosovo em uma espécie de síndrome do aniversário e disse que este conflito não pode ser resolvido sem olhar para estas dinâmicas. Porém, estes fatos são bastantes conhecidos...

ANNE ANCELIN:

Porém esquecidos.

ALBRECHT MAHR:

Minha pergunta seria: Como se poderia aplicar este conhecimento para resolver este enorme conflito? Para mim existe uma espécie de vazio entre, por um lado, estes fatos que acontecem com um enorme poder cego e, por outro, este conhecimento sobre os antecedentes dos aniversários.

O senhor tem alguma visão de como chegar às pessoas que realmente podem atuar?

ANNE ANCELIN:

Acredito que existe algo mais no trabalho que, desculpe-me não sou húngara e não sei dizer bem o nome de Bosgormeny-Nagy.

É sobre "Um novo começo". E em Kosovo houve uma traição. O sultão foi assassinado por uma traição. Por isso que, para ser resolvido, o problema

provavelmente precise pedir perdão de uma maneira simbólica. E poderia ser realizado.

O rei da Espanha pediu perdão aos judeus em Jerusalém pelo que lhes fizeram durante a inquisição na Espanha.

E o Prefeito de Salem foi ao cemitério para pedir perdão às bruxas que foram queimadas tantos anos atrás. Acho que algo simbólico deveria ser feito para pedir perdão e para tentar paliar o sofrimento e reconhecer realmente que nossos ancestrais se confundiram. Algo assim.

No entanto, às vezes, é muito difícil e gostaria aproveitar para perguntar a Sheldrake, ou talvez aos dois, para ajudar-me a resolver um enigma. Temos tempo?

ALBRECHT MAHR:

Sim, temos tempo.

ANNE ANCELIN:

Explicá-lo-ei. É sobre algo que aconteceu com um dos meus clientes. Uma mulher veio para trabalhar a tragédia de um primo que foi morto por um elevador de Paris. Normalmente, quando pegamos um elevador não acontece nada, pegamo-lo todos os dias... Porém, este jovem, quando foi entrar no elevador, abriu a porta e não havia elevador, assim que aproximou a cabeça para o buraco do elevador e, de repente, o elevador caiu em cima dele e lhe cortou a cabeça. Foi uma grande tragédia. O menino tinha 18 anos e era muito difícil de compreender...

Então, tentei colocá-lo no contexto geral da história. Perguntei pela data: 6 de janeiro.

E o 6 de janeiro para os cristãos é a festa dos Reis. E a tradição, eu não sei como será na Alemanha, mas na França temos uma “rosca” de reis o 6 de janeiro. Vamos à pastelaria, compramos a “rosca especial” e nela há uma

coroa como uma pedra ou algo assim. O caso é que aquele que ganha um brinde é o rei e aquele que ganha o outro brinde é a rainha.

E nessa “rosca” não havia coroa, assim que o menino voltou à pastelaria para reclamar a coroa e foi quando o elevador o matou. E perguntei a sua prima "existe alguma relação com a revolução francesa e os reis"?

E sim havia. O tataravô do garoto tinha sido o primeiro que votou a morte do rei Luís XVI e depois disto sentiu-se um pouco culpado porque, não sei se conhecem a história francesa, mas o caso é que a votação para a execução do rei foi aprovada somente por um voto de diferença. Assim que o primeiro que votou sentiu-se culpado porque talvez ele possa ter influenciado na votação dos outros. E seu tataraneto foi morto no dia de Reis por um elevador.

Isto pode ter sido assim e vi muitíssimos casos como este.

Pergunto-me como a memória das coisas pode voltar em acontecimentos que mudam a vida exterior e castiga as pessoas pelo que fizeram seus ancestrais. Têm alguma explicação para isto? Como isto pode acontecer?

RUPERT SHELDRAKE:

Não tenho uma resposta, no entanto, há várias hipóteses alternativas. Uma é a memória inconsciente misteriosa que de alguma maneira lembra lugares, datas, etc.... E que de alguma maneira faz que isto aconteça. Acho que é muito misterioso, mesmo assim.

Outra hipótese é que, quando o rei foi guilhotinado, muitas pessoas deveriam estar contra isso. O fato que somente houvesse um voto de diferença... E pode ser que muitas pessoas desejassem o pior para aqueles que o fizeram. Então vem da família do perpetrador ou é uma espécie de vingança daqueles que o sofreram. É mais uma memória inconsciente ou é mais um tipo de maldição? E em alguns casos, as maldições são feitas conscientemente.

Isto levaria a diferentes hipóteses de como funciona isso. Neste sentido, a hipótese das maldições é mais ativa e não envolve tanto mistério porque

temos a projeção de uma intenção, uma intenção malévola, que pode desencadear certo tipo de acontecimentos também misteriosamente depois. Mas, que pensam sobre o tema das maldições? Achem possível a teoria das maldições?

ANNE ANCELIN:

Observei que acontece muitas vezes. Especialmente na família real francesa. A maldição que se produz 100 ou 200 anos depois- Mas no caso que expus, foi um elevador avariado, não foi conduzido por um homem. Foi um dia simbólico, mas não interveio nenhuma pessoa para matar esse jovem. Simplesmente aconteceu. Entretanto, as maldições são muito frequentes.

RUPERT SHELDRAKE:

Se alguém pensa que preces, bênçãos e maldições são similares... Todas elas, mesmo que envolvam intenções humanas em primeiro lugar, parece que envolvem modos de ação que trabalham através de outras pessoas, porém também podem ser feitas através de fenômenos naturais.

Caso contrário, as pessoas não orariam todos os dias e cada domingo por toda uma série de fenômenos que vão além do homem.

Devemos assumir, ao menos pelas crenças tradicionais, que estas formas de intenção podem atuar não somente através do homem. E imagino que cada forma de intenção que atua no mundo deve trabalhar através de modificações de acontecimentos.

A única maneira em que podemos imaginar uma intenção é impondo um padrão de conduta ao que de outra maneira seria um acontecimento indeterminado. E presumivelmente, algo no mecanismo do elevador, algo que dependia da sorte quando se estragou, pode ter sido susceptível de influenciar.

Isto é o melhor que posso fazer em termos de que é o modelo geral. Não sei se Bert pode ter uma explicação melhor.

BERT HELLINGER:

Bem, durante muitos anos trabalhei somente com a conjectura de que os acontecimentos podem ser limitados a quatro gerações. Somente quando ouvi falar sobre seu trabalho, explorei mais e verifiquei que isso foi expandido pelo senhor de um modo significativo. Albrecht apresentou-me seu trabalho, promoveu-o em nosso grupo e abriu-o para nós.

Então, o que observei nestas famílias, e pode ser estendido, - agora tenho bastante certeza -, é que existe algo como uma consciência inconsciente que opera de acordo com algumas leis e defini estas leis. A primeira lei é que esta consciência inconsciente ou esta alma inconsciente deseja preservar a integridade do grupo e cada vez que um membro do grupo é excluído ou esquecido, esta consciência ou alma utiliza alguém de uma geração posterior para representar à pessoa esquecida. E esta pessoa posterior atua e vive a vida do seu ancestral. Esta é uma observação.

A segunda lei que observei é que esta consciência deseja estabelecer um equilíbrio entre o lucro e a perda, e se alguém foi culpado em uma geração anterior, porém não afrontou sua culpa, então alguém de uma geração posterior se atormentará com esta culpa. Por exemplo, matar-se-á, ou muitos descendentes de até três gerações terão tendências suicidas e tratarão de expiar a culpa do anterior.

Entretanto, observações recentes que fiz em constelações familiares, que também podem servir para o caso de Kosovo, mostram que quando permitimos que as vítimas mortas e os perpetradores mortos olhem uns para os outros, - e isto é possível em constelações familiares representado -, não é necessária nenhuma intervenção exterior. Haverá um movimento no qual se juntarão os uns com os outros.

E isto é considerado pelos vivos muitas vezes como injusto ou dito de outra forma, aquilo que os atormenta não afeta os mortos. Os mortos juntam-se em um nível onde realmente são somente um.

O que causa a perturbação é que os vivos tomam como próprio algo que somente os mortos podem alcançar entre eles. O movimento curador seria que os vivos olhassem para os mortos e os deixassem fazer esse

movimento, até conseguirem girar-se, deixando atrás os mortos e olhando para o futuro. E esse seria o movimento curador que está em outro nível. A interferência no reino dos mortos causa aos vivos a perturbação.

ANNE ANCELIN:

Gostaria de fazer-lhe uma pergunta que me inquietou muito durante muitos anos...

Se olharmos para a família e existirem, digamos quinze primos, um deles tomará como sua a história passada. Sempre me perguntei "É a família quem escolhe a pessoa ou é a pessoa que escolhe ser um representante do passado?" Tem alguma ideia sobre isto?

BERT HELLINGER:

O mais fraco. Pode ser um menino, frequentemente o mais jovem é quem toma esse papel, aquele que menos pode resistir às forças. No entanto, não desejo fazer disto uma regra geral. Observei-o frequentemente, porém também pode ser é o filho mais velho. Mas sempre é aquele que está na posição mais fraca quem o faz.

E voltando aos perpetradores e às vítimas, os assassinos sentem-se muitas vezes grandes, muito fortes. E em suas famílias, o fraco toma esse papel de atormentado.

Quando os assassinos se enfrentam com as vítimas, as vítimas transformam-se em grandes e fortes e os assassinos tornam-se muito menores. E nesse nível, alcança-se certo equilíbrio. E posteriormente os vivos já não estarão envolvidos no passado se deixarmos que esse enfrentamento vítimas/perpetradores se produza.

E isto é um tipo de ritual curador e Albrecht disse-me que o senhor também aplica rituais curadores para alcançar a paz.

ANNE ANCELIN:

Os rituais curadores que eu aplico são muito amplos e diversos. Às vezes, é um ritual cristão: falo para as pessoas que se forem cristãos, vão à missa e façam um ritual pelos mortos.

Às vezes, fazemos no grupo um minuto de silêncio para os mortos e seus sofrimentos.

Às vezes, o ritual é plantar uma árvore na estrada onde aconteceu o acidente, ou lançar flores ao mar ou acender uma vela dizendo para os mortos que são livres para ir ao lado correto, ao lado bom de Deus e ficarem em paz...

Rituais deste tipo.

Ou utilizando um psicodrama: fazemos uma cena na qual alguém, a pessoa que está trabalhando, escolhe uma pessoa que represente o morto e perguntamos para essa pessoa que faz de morto o que deseja. E frequentemente acontecem coisas estranhas porque o morto diz:

"Desejo ser lembrado" "Não quero que isto aconteça novamente", coisas deste estilo. E então fazemos um pequeno ritual, é muito interessante ver o que acontece com as pessoas que padeciam de asma ou alguma outra dor importante.

Gostaria de citar cada investigação. Sou uma pessoa de universidade assim que me desculpe porque gostaria de citar sempre investigações científicas. Foi feita uma investigação em Berlim, no Instituto de Psicologia, sobre tarefas finalizadas e não. E demonstrou-se que, se uma tarefa não foi finalizada, se a "Gestalt" não foi fechada, alguém deve fechá-la, finalizar a "Gestalt" ou a tarefa. E a mesma coisa acontece com a memória ou com temas inacabados. Assim que devemos fechar o tema do sofrimento, tenha acontecido há 50, 200 ou 1000 anos. Devemos fechá-lo e até que ele não for fechado, todas as gerações sofrerão o problema.

Vou citar a Bíblia se me permitirem. Há uma história na qual algumas pessoas comem umas uvas que não estão maduras e seus descendentes tiveram dores de dentes durante quatro a dez gerações.

Parece que o tempo esteve passando, assim que devemos fechar a "Gestalt" e acabar com o trauma.

BERT HELLINGER para RUPERT SHELDRAKE:

A última vez que nos vimos falamos sobre lugares onde aconteceram muitos acidentes e o senhor me disse que, na Inglaterra, estes lugares estão normalmente próximos aos campos de batalha.

RUPERT SHELDRAKE:

Sim.

ANNE ANCELIN:

Aaaah! Conte-me mais sobre isto...

RUPERT SHELDRAKE:

Sim. Existe um nome em inglês para designar isto: "Ponto negro de acidente". Existe algo parecido em francês?

ANNE ANCELIN:

Não! Que é um ponto negro de acidente?

RUPERT SHELDRAKE:

Um lugar na estrada onde acontecem muitos acidentes. E, às vezes, existe sinais de tráfico que indicam o perigo- E existe um destes lugares perto da minha casa e desde criança estava fascinado por estes sinais que indicavam o ponto negro de acidentes. É um lugar onde a estrada sobe e desce, com muitas mudanças de rasante, e se poderia pensar que é natural que existam acidentes pela própria estrada que com suas mudanças de rasante limitam a visibilidade ao adiantar.

E além do mais, está limitando o campo onde a batalha de Store aconteceu em 1487. Foi uma grande batalha da guerra civil da Inglaterra. Muitas pessoas foram assassinadas lá. Grande número de soldados irlandeses foi aniquilado. E justo ao lado deste campo de batalha está o ponto negro de acidentes.

Bem, também há um ponto negro na Irlanda.

Estávamos viajando pela Irlanda, e justo ao lado do campo de batalha de Boyne há um sinal de ponto negro de acidentes. E vi vários exemplos deste tipo. E acredito que as memórias dos lugares também podem ser importantes.

Falando de campos morfogenéticos, estes não estão limitados a grupos humanos ou a mentes humanas, senão inclusive a grupos de animais. Os lugares também podem ter campos morfogenéticos.

E pelo mundo todo encontramos tradições com as memórias dos lugares. De fato, a peregrinação está baseada em recorrer lugares onde existem memórias poderosas do que aconteceu no passado.

E também existem histórias de obsessões e más influências ao redor dos campos de batalha. Por este motivo, acho que qualquer hipótese ou teoria deve ter em consideração a memória do lugar.

Até agora, os dados que expus são anedóticos. Porém, pode ser encontrado de maneira sistemática o ponto negro dos diferentes países e explorar seus antecedentes históricos.

E evidentemente, existe uma retroalimentação positiva: cada vez que se produzir um acidente em um lugar, depois poderá haver mais probabilidades de acidentes no mesmo lugar. Inclusive quando não existem campos de batalha, o ponto negro irá retroalimentando-se de acidentes e irá tornando-se cada vez mais importante.

ANNE ANCELIN:

É fascinante! Encontrei o mesmo com datas. Deseja um exemplo?

RUPERT SHELDRAKE:

Ótimo, estou temendo porque de fato o dia 28 de junho é meu aniversário assim que...

Escutemos outro exemplo, eu somente tenho um dia de aniversário assim que...

ANNE ANCELIN:

Escolherei outra data de junho se não se importa. Tenho que pegar exemplos da história francesa porque sou francesa, me perdoem.

Durante a guerra, o General de Gaulle fez uma "chamada à luta", a chamada do dia 18 de junho.

Agora bem, que é o dia 18 de junho? Se olharmos para a história, é a data de Waterloo, onde os ingleses venceram os franceses. Uns sessenta anos depois, houve outra batalha em Sebastopol na que os ingleses e os franceses lutaram contra os russos. Havia um general francês e outro inglês e eles não sabiam quem assumiria o comando esse dia. Não sei se foi par ou ímpar ou aquele que pegou o palito mais longo, mas decidiram que seria o francês, pelo qual foram vencidos. No entanto, isto poderia saber-se inclusive antes da batalha, porque no dia 28 de junho, os franceses foram vencidos.

RUPERT SHELDRAKE:

18 de junho...

ANNE ANCELIN:

Ah, sim, perdão, é o 18! Isto não tem relação com seu aniversário! Assim que é muito estranho como as coisas se repetem. Se pegarmos a data das cruzadas, uma cidade foi tomada um dia pelos cristãos e 100 anos depois, no dia 19, a mesma data, foi tomada pelos muçulmanos. Parece que as

datas são muito importantes. O senhor fala de acontecimentos em lugares, e estou de acordo, porém com datas acontece a mesma coisa.

RUPERT SHELDRAKE:

Com datas estou de acordo, é muito interessante e li seu artigo sobre as datas com grande interesse. Com datas, como têm tão pouca relação com os ritmos naturais, deve ser algo cuja importância é longamente preservada nas mentes humanas, conscientemente para começar. E em algum dos casos onde gerações posteriores tinham acidentes coincidindo com as datas nas quais alguns dos seus antepassados tinham sido mortos em uma grande batalha, acho que é uma tendência muito humana observar os aniversários.

As pessoas vão aos cemitérios colocar flores nas tumbas dos seus ancestrais na data da sua morte ou do seu nascimento. Muitas famílias têm seus próprios rituais para estes aniversários. Quase todas as famílias fazem algo nestas datas tão significativas, pelo menos a primeira geração depois do acontecimento. E repete-se muitas vezes nesse mesmo dia e é lembrado conscientemente.

Assim que acho que existe um meio pelo qual a data é formalmente fixada na memória consciente do grupo. E daí, pode posteriormente ser preservada na memória inconsciente- Porém acho que o significativo das datas tem mais relação com a tendência natural dos humanos para observarem os aniversários e ter rituais nestes aniversários. Está ou não de acordo com isto?

ANNE ANCEUN:

Sim, mas, às vezes, é esquecido completamente. Vi, e vamos aos incidentes felizes em vez de infelizes, vi pessoas casarem-se 300 ou 400 anos depois na mesma data sem saber que existia uma coincidência até fazerem a investigação das datas.

RUPERT SHELDRAKE:

Acho que se poderia realizar uma análise estatística simples sobre casamentos, mortes e inclusive nascimentos conforme o critério de seus estudos. E seria bastaste fácil fazê-lo olhando para os registros dos casamentos para ver se existe uma tendência estatística entre pessoas de uma mesma família para se casarem nas mesmas datas. Isto é algo que podemos ver a escala massiva utilizando computadores e estatísticas que já estão disponíveis. Assim que, de fato, já se poderia estudar esta tendência. Se for consciente ou inconsciente, deveríamos dizê-lo para cada caso. Entretanto, existem muitos dados que podem ser estudados estatisticamente.

BERT HELLINGER:

Para mim a pergunta seria como redimir os lugares e as datas, como desfazer a maldição dos lugares e datas. Isto é importante porque, e falamos sobre isso na última vez (para RUPERT SHELDRAKE), falamos de, talvez, ter um monumento comemorativo no lugar e talvez algo parecido para as datas. E agora eu tenho uma ideia muito peculiar sobre isto.

ANNE ANCELIN:

Qual?

BERT HELLINGER:

Deriva das experiências que tive em constelações familiares. Acredito que, se existe uma pedra comemorativa no campo de batalha, deve ser em honra a todos os mortos que estão lá, isto é muito importante. Se somente uma das partes o realiza não terá utilidade. E se na batalha de Waterloo todos os mortos fossem lembrados e honrados, então a maldição da data poderia diminuir.

RUPERT SHELDRAKE:

No caso da batalha de Store, aquela que aconteceu onde está o ponto negro de acidentes perto da minha casa, em Nottinghamshire, sugeri ao vigário de Store que fizesse uma missa de réquiem no aniversário da batalha. E houve uma sociedade local que encenou a batalha. Na Inglaterra, temos sociedades amadoras que encenam batalhas, vestidas com uniformes antigos. Encenam batalhas da história inglesa e, sobretudo, gostam de fazê-lo em aniversários. E centenas de pessoas destas sociedades congregaram-se para encenar a batalha de Store. Foram publicados muitos artigos sobre isto nos jornais e, para acabar o dia, sugeri ao vigário que desse um serviço de réquiem para todos aqueles que morreram nos dois bandos e também para as pessoas que tinham sofrido acidentes e morto nesse ponto. E estive de acordo sem dúvida alguma. Achou que era uma ideia brilhante e o fez. Não olhei para as estatísticas de acidentes desde então, porém seria interessante fazê-lo.

HUNTER BEAUMONT:

Pergunto-me se é o momento adequado para responder algumas perguntas da audiência e assim dar nosso dia por finalizado.

Pergunta do público:

Os três discutiram sobre o conflito de Kosovo e a senhora falou de um ritual simbólico, como um ritual de perdão que teria o poder de diminuir a energia cruel que emana do conflito de Kosovo, se a entendi bem. E o senhor, Bert, em seu discurso desta tarde disse que estava totalmente contra de trazer ao cenário em constelações familiares o conflito de Kosovo. Vejo uma contradição nisto.

Minha pergunta é: Há alguma possibilidade, encenando o conflito de Kosovo, de fazer um ritual simbólico de perdão, talvez com as pessoas da sala ou da maneira que possa ser feito, que pudesse diminuir a energia negativa que existe em dito conflito?

BERT HELLINGER:

Bem, pensar que nós, com uma constelação, vamos primeiro encontrar quais são as raízes do conflito e depois ver uma solução, acho que excede muito nossa capacidade. Por isto estou contra. Entretanto, inspirado pelo que a senhora (ANNE ANCELIN) disse sobre o conflito de Kosovo, poderia imaginar que, se o príncipe Lazar e o sultão que foi assassinado foram enterrados no mesmo panteão comemorativo, isto seria um ritual curador.

Pergunta do público:

Fascinou-me o que contou sobre as datas da história e estou pensando em uma data muito importante da história da Alemanha, que é o dia 9 de novembro. Esse dia foi o Reichkristallnacht (noite dos cristais quebrados), aconteceu algo mais que não lembro e também foi a queda do muro. Dois acontecimentos foram negativos e um positivo e me pergunto que aconteceu. Tem alguma ideia referente a isso?

ANNE ANCELIN:

Sinto muito, não conheço tanto a história alemã, não tenho ideia, porém talvez o Sr. Hellinger possa ajudar-lhe.

RUPERT SHELDRAKE:

Bem, uma das datas que me chama mais a atenção é o dia 10 de novembro. Interessam-me muito as datas 9 e 10 de novembro. Existe um complexo de datas aí.

O dia 10 de novembro é a véspera de San Martín, é uma data muito importante na história da ciência, porque é a data em que René Descartes, na Alemanha, teve essa visão do mundo como uma grande máquina. Estava no dia 10 de novembro de 1619 nos quartéis de inverno de Neuburg no Danúbio quando teve a visão do mundo como uma grande máquina. Foi a primeira visão do mundo feito unicamente de matéria em movimento. E foi realmente o início da visão mecânica do mundo, os pilares da revolução científica. Descartes pensava que isso foi revelado

pelo anjo da verdade. E também pensava que a virgem negra o inspirou. Foi à Loreto, na Itália, em peregrinação para agradecer por esta visão. Foi uma visão de grande importância para ele, um acontecimento ao que seguiram três sonhos muito inquietantes.

De todas as formas, sempre estive muito interessado pela importância do dia 10 de novembro e muitas coisas aconteceram na Alemanha em volta destas datas. E evidentemente o armistício do dia 11 de novembro, que se celebra na Inglaterra com silêncio para recordar os mortos da guerra, na primeira guerra mundial.

Esta série de datas 9, 10, 11 de novembro têm relação com a festividade marcial romana de San Martín. É uma história militar antiga complexa. E Descartes era um soldado quando teve essa visão. Exatamente um ano depois, entrou em Praga na batalha da Montanha Blanc representando os contrarreformistas para abater o regímen dos Reis. E este foi o início da guerra dos 30 anos na Europa.

O que quero dizer é que estas datas são muito interessantes. Fascina-me tanto o tema que faz alguns anos fui com uns amigos de Munique para Neuburg o dia 10 de novembro e fizemos cerimônias e preces para transcender a visão de Descartes. E foram um lugar e umas datas muito potentes, com muita energia para fazê-lo.

Em fim, tenho meus próprios pensamentos para estas datas tão específicas e tenho certeza que há muito mais, especialmente na Alemanha, que tenha relação com esta parte do ano. Porém, além disso, tem um significado e um impacto mais geral pela parte marcial, militar.

É parte da festividade dos mortos que começa com Halloween o dia 31 de outubro, depois da festividade de todos os santos e depois a memória dos mortos na guerra. Todo este complexo de datas é o início do novo ano celta. Tem relação com a lembrança dos mortos, quando os mortos se tornam presentes novamente, que é pelo que as pessoas em Halloween vestem-se de bruxas, esqueletos ou fantasmas. As datas desta festividade vão desde o dia 31 de outubro até a metade de novembro.

ALBRECHT MAHR:

Acredito que podemos concluir agora este encontro que foi um sucesso. Obrigado por terem estado aqui juntos. E acho que temos bons motivos para esperar com ansiedade seu workshop amanhã e depois de amanhã. Boa noite!

Instituto de Constelações Familiares e Sistêmicas, Método Bert Hellinger de Madrid.

(Actual Instituto de Constelaciones Familiares *Brigitte Champetier de Ribes*)